



Com Michel Duarte, uma mocinha de vanguarda na novela *Nos tempos do Imperador*



As Five: um grande sucesso que atravessou plataformas e fronteiras

Divulgação



Com Alanis Guillen, como o casal Loquinha, em *Três Graças*: repercussão internacional de romance lésbico

Do cabelo de fogo ao universo masculinizado

A mudança é visível logo de cara: o cabelo, tingido de um ruivo-fogo inédito, anuncia Juquinha, estagiária da Academia de Polícia que se torna policial. Mas a transformação vai muito além da estética. Para viver Juquinha, Gabi mergulhou em um universo distante do seu cotidiano: aulas intensas de jiu-jitsu e defesa pessoal, visitas a delegacias de São Paulo — como o Deic —, conversas, observação atenta. O objetivo não era reproduzir gestos técnicos, mas compreender o que sustenta alguém que escolhe uma profissão atravessada pelo risco e pela violência. “Foi muito importante visitar delegacias e conhecer os profissionais da polícia civil para entender como é a realidade e o dia a dia dessas pessoas. Ver a presença feminina também foi muito legal e me inspirei em algumas pessoas com quem cruzei nessas visitas”, conta a atriz de 33 anos.

Para Gabi, um dos grandes desafios foi o contato com o mundo da polícia, que é um universo mais distante. “Me conectar com as motivações da escolha de uma profissão onde você arrisca sua própria vida para fazer justiça e proteger ao outro, acho isso bonito, é um altruísmo genuíno. E me inspirou muito nesse desafio”, explica ela, que não esteve apenas nas cenas físicas ou no contato com a dureza desse universo, mas em acessar a empatia que existe ali, mesmo onde o mundo parece mais áspero.

A dança, mais uma vez, serviu de ponte, agora aliada às aulas de jiu-jitsu e defesa pessoal. “Elas me ajudaram principalmente a encontrar o corpo da Juquinha, a postura, o eixo e o peso dela. Eu venho da dança então eu gosto muito de trabalhar com o corpo, para mim o corpo é essencial na construção da personagem”, relata.

Coragem e delicadeza que viralizam

Hoje, Gabi vive intensidade em função de Juquinha. E comenta sobre as diferenças e semelhanças com a personagem. “Eu admiro muito a coragem da personagem, de enfrentar o que ela quer, de fazer o que ela acredita e se posicionar quando acha que é necessário. Sinto que, em relação a determinação, somos parecidas, em coragem também, quando se trata de tomar decisões e enfrentar questões. Então, acho que sim, tem um universo novo, mas também temos muitas semelhanças”, conta

Trabalhar em uma novela das nove traz outra escala de visibilidade, outro tipo de repercussão. Gabi sente isso, mas não como peso. Para ela, a responsabilidade é a mesma: entregar o melhor trabalho possível, independentemente do horário. E há, claro, o privilégio de dizer textos em que se confia. Os três Silvas, formam, segundo a atriz, “uma tríade poderosa”, capaz de

criar personagens cheios de camadas e contradições — exatamente o tipo de material que a instiga. “É muito bom ler um texto em que você confia e que tem personagens com camadas e possibilidades”, celebra.

Em *Três Graças*, Juquinha é também Eduarda, que, antes de ser policial, é uma moça de família rica paulistana cheia de afetos e atitudes que vive um romance com Lorena (Alanis Guillen), em uma história entre duas mulheres pautada na delicadeza e que vem encontrando eco afetivo no público. “Já estamos recebendo um retorno muito legal desse casal”, comemora, orgulhosa, limitando-se a não explicar muito sobre o rumo do casal homoafetivo que viralizou positivamente até fora do país.

O casal “Loquinha” virou assunto global, com

fãs de países como EUA, Itália, Tailândia e Armênia acompanhando e celebrando a representatividade. A repercussão foi tão grande que a TV Globo começou a disponibilizar legendas em inglês e espanhol para a novela, para alcançar mais fãs internacionais. “Espero que siga assim, conquistando o público e reverberando positivamente esse amor genuíno e leve”, aposta.

Com a terceira temporada de *As Five* já exibida e, por ora, sem previsão de continuidade, a personagem Keyla repousa em silêncio para Juquinha ocupar o centro da cena. Mas Gabi olha adiante. Quer voltar ao teatro, fazer cinema, atravessar personagens complexas, contraditórias, humanas. Quer — e diz isso com clareza — que as mulheres sejam vistas para além dos estereótipos, com todas as suas ambiguidades e potências.

Globo/Divulgação